

p. 12) lembram que: “ler o que circula socialmente é atuar na sociedade, participando e não se limitando a pequenos universos”.

Convém ressaltar que somente a seleção de material não garante a competência em leitura. É necessário que o professor promova a leitura compartilhada, através da qual ele pode direcionar a atenção dos alunos para pontos problematizadores que alimentem a reflexão e o debate.

Relato de experiência: leitura compartilhada na sala de aula

A fim de se pôr à prova os aspectos teóricos levantados neste artigo e atender a um dos objetivos propostos pelos PCN's (2001, p. 07) para o Ensino Fundamental: “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões”, realizou-se um trabalho prático na Escola Municipal Irmã Helena Olek, localizada no centro da cidade de Irati - Paraná. O trabalho foi realizado nos dias 27 e 28 de novembro de 2002, num total de quatro horas-aula, e contou com a participação de trinta alunos da quarta série do ensino fundamental, cujas idades variam entre dez e doze anos, e da pesquisadora. A professora regente da turma cedeu as aulas para que fossem desenvolvidas algumas atividades de leitura.

Nestas atividades, foi utilizado um bilhete de passagem rodoviário – vendido na rodoviária do Município de Irati-Paraná por uma empresa de ônibus, cujo nome será omitido – visto tratar-se de um texto de circulação social que possibilita uma leitura crítica e ser raramente explorado em sala de aula.

O trabalho – que foi gravado em áudio para facilitar a análise posterior – deu-se em três momentos: antes da leitura, quando a pesquisadora (doravante professora, porque assim foi chamada pelos alunos), procurou estabelecer objetivos e ativar os conhecimentos prévios dos alunos; durante a leitura, em que foram propostos pela professora questionamentos que fizessem os alunos refletirem sobre o texto e posicionarem-se criticamente sobre aquilo que leram; e após a leitura, momento em que os alunos, agora de forma mais autônoma, procuraram estabelecer comparações entre o texto lido e outro da mesma tipologia.

Da teoria à prática

Antes da leitura

Inicialmente, a professora (P.) explicou que texto seria lido e por que seria feita a leitura:

P.: “hoje nós vamos fazer a leitura de um bilhete de passagem rodoviário. Vocês vão perceber que neste bilhete há muitas informações que nós sequer percebemos, porque não o lemos com atenção. Vamos observar também o quê e quanto estamos pagando ao fazermos uma viagem de ônibus e discutir se essas cobranças são justas.”

Após, através de questionamentos orais, verificou os **conhecimentos prévios dos alunos e solicitou para que eles fizessem algumas antecipações:**

P.: “que informações aparecem em um bilhete de passagem rodoviário?”
Respostas dos alunos: “nome do ônibus”; “preço da passagem”; “hora da partida e hora da chegada”; “número da poltrona”.

P.: “quem é o responsável pela manutenção da estação rodoviária?”
Respostas dos alunos: “o prefeito”; “as empresas de ônibus”.

P.: “quem paga o pedágio: os passageiros ou a empresa de ônibus?”
Resposta dos alunos: “a empresa de ônibus”.

P.: “os direitos que o passageiro tem aparecem no bilhete de passagem?”
Resposta dos alunos: “não”.

P.: “e as obrigações aparecem no bilhete?”
Resposta dos alunos: “não”.

As opiniões emitidas pelos alunos foram anotadas no quadro.

Diante do silêncio de alguns alunos durante as atividades de pré-leitura, foi necessário que o professor destacasse que o importante não era acertar as respostas, mas arriscar-se e envolver-se com a leitura.

Durante a leitura

Em seguida, através de um retroprojektor, a professora projetou o texto na parede da sala, para que pudesse ser visualizado por todos.

Inicialmente, foi mostrado apenas o cabeçalho, o que despertou ainda mais a atenção da turma. Os alunos confirmaram uma das antecipações feitas, a de que está escrito no bilhete o nome da empresa que faz o transporte dos passageiros. Também, a professora e os alunos fizeram a leitura do símbolo que aparece junto ao nome da empresa.

P.: “o que vocês acham que significa este desenho?”
Rayan: “é um disco-voador.”

P.: “por quê?”

Rayan: “para mostrar que o ônibus é rápido como um disco-voador?”

P.: “pode ser. Alguém tem outra idéia?”

Daniela: “eu acho que é uma roda de um ônibus.”

Fábio: “professora, pode ser uma estrada.”

Diego: “não é uma coroa de princesa?”

P.: “pode ser, também.”

P.: “e que leitura será que fazem as pessoas que criaram este desenho?”

(silêncio dos alunos)

BILHETE DE PASSAGEM RODOVIÁRIO				
Nº 701394		SÉRIE D - SUB-SÉRIE 926 PA - 028 - CF 0006		
2ª VIA - PASSAGEIRO				
LINHA P. GROSSA X U. VITOR. 1 (T.S 0382453				
DE IRATI		PARA P. GROSSA		
DATA EMBARQUE	HORÁRIO	POLTRONA	PREFIXO	PLATAF.
20/11/02	18:20	02	1124,500	00
DATA EMISSÃO	TIPO ÔNIBUS		AGÊNCIA	AGENTE
20/11/02	CONV. S/ AR		01101	A087
TARIFA	SEGURO	TX. EMB.	PEDÁGIO	TOTAL PRESTAÇÃO
7,52	0,00	0,57	0,36	8,45
SEGURO FACULTATIVO		O PASSAGEIRO GUARDARÁ SEU BILHETE PARA FINS DE FISCALIZAÇÃO EM VIAGEM.		
MENOR SEM DOCUMENTO NÃO VIAJA.		1371 13:22		

Reprodução de bilhete de passagem

A professora, então, questionou os alunos sobre a maneira como poderia ser tirada esta dúvida. Os alunos foram levados a perceber que seria possível pesquisar através do telefone e que seria mais conveniente ligar para o 0800, citado no bilhete de passagem rodoviário. Uma das alunas realizou a pesquisa através do telefone da própria escola e trouxe mais uma resposta para a sala:

Mayssá: “o homem que me atendeu disse que o desenho representa **uma semente**”.

Discutiu-se, em seguida, sobre a relação entre a semente e a empresa de ônibus.

P.: “e que ligação dá para fazer entre a semente e Empresa...?”

Sandy: “a semente cresce e eles querem dizer que a Empresa... cresce também”.

“Crescimento”, “vida nova” e “renovação” foram os termos mais usados para expressar a associação entre a semente e a empresa.

Na seqüência, a professora apresentou o restante do texto e junto com os alunos avaliou as antecipações feitas inicialmente. Os alunos perceberam que há no bilhete mais informações do que imaginavam e que não aparece a hora da chegada do ônibus. Nesse momento, foi necessário que o professor esclarecesse aos alunos o significado de alguns termos do texto: prefixo, plataforma, agência, agente, data da emissão.

Numa primeira observação, os alunos disseram que nem os direitos nem as obrigações aparecem na passagem. Diante da discordância da professora, os alunos tomaram mais atenção e descobriram que “seguro facultativo” é um dos direitos do passageiro. Um dos alunos comentou:

Douglas: “professora, na passagem tem o número da poltrona. É um direito do passageiro sentar nesse lugar”.

A professora mostrou que, no bilhete, o número da poltrona está riscado. Portanto, neste caso, o passageiro não teve seu lugar assegurado e a empresa infringiu um dos seus direitos: “ter garantida sua poltrona no ônibus, nas condições especificadas no bilhete de passagem” (Decreto nº 2521/98).

Discutiu-se, ainda, sobre as obrigações do passageiro. As frases: “menor sem documento não viaja”; “o passageiro guardará seu bilhete para fins de fiscalização em viagem”, que se encontram na parte inferior do texto, foram consideradas como obrigações do passageiro.

Também, levantaram-se os possíveis motivos da viagem. Para isso, os alunos recorreram a algumas pistas lingüísticas para aproximar-se mais da resposta. Levando em consideração o meio de transporte utilizado (ônibus), o horário da viagem (18:20), o dia do embarque (20/11/02, numa quarta-feira) e o destino do ônibus (Ponta Grossa), foram desprezadas as seguintes hipóteses: viagem turística, cursinho pré-vestibular, festa. As hipóteses mais prováveis, segundo os alunos, seriam:

Bruno: “pode ser que o passageiro tinha um compromisso marcado para o dia vinte e um, de manhã”.

Fábio: “pode ser que ele mora em Ponta Grossa e estava voltando para casa”.

Procedeu-se, então, à análise do preço da passagem.

Os alunos verificaram que é o passageiro que deve pagar o pedágio, ao contrário do que antes haviam previsto. Foi um momento oportuno para discussões sobre não apenas a quem cabe a responsabilidade pelo pagamento do pedágio, mas também sobre o alto preço pago nas rodovias paranaenses e sobre a própria cobrança do pedágio.

O momento de maior discussão foi sobre a da taxa de embarque, que, em outras rodoviárias, recebe o nome de “taxa de utilização da rodoviária” ou “tarifa de embarque”. O dinheiro recolhido com a taxa é destinado à manutenção da estação de onde o passageiro compra o bilhete. Até mesmo a denominação, “taxa de embarque”, pôde ser questionada. A falta de clareza no nome levou a professora e os alunos a suspeitarem que o passageiro não deve saber o que paga realmente.

Foi lembrado que a maioria dos cidadãos passa pouquíssimo tempo na rodoviária. Um dos alunos salientou:

Lohane: “se a gente quer ir ao banheiro, tem que pagar”.

Levantou-se, portanto, que cobrar a taxa de embarque do passageiro é injusto, pois a manutenção deste local deve ser de responsabilidade da Prefeitura, já que a rodoviária é pública e o cidadão já paga IPTU e ICMS, justamente para a manutenção de espaços e serviços públicos. Alguns alunos comentaram que a rodoviária deveria ser de responsabilidade das empresas de ônibus que a utilizam.

Aproveitou-se o momento para discussões sobre a existência de outros tributos, como: taxa de iluminação pública, de coleta de lixo, de esgoto, e sobre a taxa de combate ao incêndio, cuja implantação ainda não está definida.

Por esses levantamentos, os alunos acabaram percebendo que caso o cidadão não fique atento, daqui a pouco tempo acabará tendo que pagar taxa de utilização da praça pública, da biblioteca, das ruas...

Após a leitura

Os alunos foram solicitados a comparar o bilhete de passagem analisado com um bilhete emitido na rodoviária do Município de Maringá – Paraná.

Através da leitura deste, os alunos tomaram conhecimento de outros direitos do passageiro, os quais aparecem no verso da passagem: “receber serviço adequado”; “desistir da viagem até três horas antes, devendo a importância paga ser devolvida, ou ser preferível, remarcação o bilhete para outra data”; etc. Os alunos levantaram que os direitos do passageiro deveriam aparecer no primeiro bilhete. Também, foi comentado que a tarifa de embarque, anexa ao segundo bilhete de passagem, não contém o preço que deve ser pago, deixando o passageiro sem saber quanto paga pela utilização da rodoviária de Maringá.

Ainda, a professora solicitou que os alunos atentassem para o valor apelativo da frase “viaje sempre de ônibus”, que aparece em alguns bilhetes de passagem.

Discussão dos resultados

Levados à prova os pressupostos teóricos, procede-se agora à avaliação dos resultados. Pode-se dizer que o trabalho surtiu um efeito positivo. Os alunos, após

vencerem a inibição inicial, participaram ativamente das atividades, elaborando perguntas, concordando ou discordando das opiniões dos colegas, respondendo aos questionamentos.

Através da leitura compartilhada, verificou-se que:

- as atividades de pré-leitura, que abrangem o levantamento dos conhecimentos prévios do aluno bem como o estabelecimento de objetivos, são tão importantes quanto a leitura propriamente dita, pois elas envolvem o aluno com a leitura, desafiando-o e aguçando a sua curiosidade;
- os questionamentos propostos pelo professor não devem limitar o aluno à extração (Para onde o passageiro viajou?) ou à atribuição (Por que você acha que o passageiro realizou a viagem?), mas devem proporcionar a interação entre aluno-leitor e texto (Levando-se em consideração o meio de transporte utilizado pelo passageiro, bem como o dia, o horário e o destino, quais poderiam ser os motivos da viagem?);
- a leitura crítica de textos de circulação social amplia o universo de conhecimentos do aluno, além de levá-lo à compreensão de ser dos fatos sociais;
- o professor precisa atuar como mediador entre o aluno e o texto, aprofundando as reflexões, quando necessário (É justo que passageiro pague pela utilização da rodoviária?). Envolver democraticamente o aluno nas atividades de leitura é bem mais produtivo do que mandá-lo ler, simplesmente.
- não se forma um leitor crítico num passe de mágica, trabalhando a leitura de vez em quando. É imprescindível que a prática ocorra constantemente e que exista variação de textos de modo a se oferecer aos alunos sempre novos desafios.
- é fundamental ensinar o aluno a buscar a resposta, o que contribui para torná-lo um leitor autônomo.

Considerações finais

Procurou-se destacar, neste artigo, que as ações educativas precisam visar à formação de um leitor que, pelas práticas interativas de leitura, participe ativamente da luta pela superação das injustiças sociais. Isto requer, então, que o trabalho gere reflexão, posicionamento e ação transformadora. Este trabalho deve atravessar todas as séries do Ensino Fundamental e não deve recair sobre o professor de português, apenas; compete a todos os professores selecionar e trabalhar textos que permitam ao aluno desenvolver estratégias de leitura capazes de fazê-lo chegar à compreensão e emitir um parecer crítico sobre o conteúdo do texto.

Isso tudo exige que se repense a formação do professor na Universidade. Os cursos de licenciatura precisam criar um espaço para discutir os processos de leitura. Pois só tendo um amplo conhecimento sobre o assunto que o professor terá condições de produzir ações que possibilitem a formação de leitores críticos.

Referências bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN's: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, L. (org.) **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 1997.

FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. **A leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 1996.

GOODMAN, K. S. O processo da leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. (orgs.) **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O aprendizado da leitura**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KUCERA, I. M.; LUNA, C. M.; SILVA, M. M. O. **Idéias em contexto: Língua Portuguesa – 1ª série**. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

LEFFA, V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

MARTOS, C. R. **Viver e aprender português – 4ª série**. São Paulo: Saraiva, 1996.

MENEGASSI, R. Leitura e construção de sentidos no livro didático. **Anais da V Semana de Letras**. FAFIJAN, 2001.

MENEZES, G.; MARCONDES, B.; TOSHIMITSU, T. (2000) **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

MEURER J. L. Compreensão de linguagem escrita: aspectos do papel do leitor. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. (orgs.) **Tópicos de linguística aplicada**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1988.

SILVA, E. T. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. (1998) **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado das Letras/ ALB, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ABELARDO E HELOÍSA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA

Ana Paula Schlesener
Laureanda de Lingua e Letteratura Italiana
Università per Straneri di Siena, Itália

Resumo: A obra *Abelardo e Heloísa* é conhecida como uma das mais belas e trágicas histórias de amor. O objetivo deste ensaio é analisar algumas de suas cartas para refletir sobre o mistério da situação da mulher na sociedade medieval.

Palavras-chave: Abelardo e Heloísa; condição da mulher; amor

Abstract: *Abelardo e Heloísa* is known as one of the most beautiful and tragic love stories. This paper presents an analysis of some of its letters in order to discuss the mystery of the condition of woman in medieval society.

Key words: Abelardo e Heloísa; condition of woman; love

Desde a fixação do homem à terra e o surgimento das primeiras instituições, o poder pertenceu aos homens e essa tradição tornou-se mais dura para a mulher durante a Idade Média, período em que ela se encontrava em absoluta dependência, primeiro do pai e, depois, do marido. As causas históricas mais conhecidas da submissão da mulher ao homem são a constituição e manutenção da família, à qual se vincula a conservação e a transmissão da propriedade (BEAUVOIR, 2002). Entretanto, em todos os períodos históricos sempre existiram mulheres excepcionais, que escaparam da dependência masculina fugindo da estrutura familiar (principalmente no celibato monacal) ou rompendo as regras sociais vigentes por meio de uma instrução muitas vezes superior à dos homens.

A história de Heloísa e Abelardo é conhecida como uma das mais belas histórias de amor, contada por meio de cartas que são verdadeiras preciosidades literárias, que geraram profundas reflexões filosóficas sobre o tema do amor, o mais belo vínculo

entre o homem e a sabedoria. Entre as mais conhecidas obras estão *Julie ou la Nouvelle Héloïse* de Rousseau e o livro de aforismos de Feuerbach, publicado em 1834 (FEUERBACH, 1999), sobre a natureza racional do amor. Feuerbach opõe-se à concepção romântica que entendia o amor como força obscura e irracional na qual se misturam pulsões contrastantes. O amor, na leitura de Feuerbach, vincula e faz interagir realidades distintas como corpo e espírito, na forma da existência humana, assim como aparência e verdade, no caso da busca da sabedoria. Mais recentemente o romance de Edgarda Ferri coloca em evidência a atitude de Heloísa como a de uma mulher moderna, embora tenha passado para a história como a “mulher de Abelardo” (FERRI, 1998).

Este ensaio se propõe refletir sobre algumas cartas publicadas no livro *Lettere di Abelardo e Eloisa* e levantar algumas questões sobre a situação peculiar dessa mulher no contexto da cultura medieval: como uma jovem, de origem desconhecida, conseguiu ter acesso a um saber e a uma prática reflexiva reservada apenas aos homens de sua época? Como entender uma figura tão original e livre que, em muitos aspectos, se assemelha à imagem da mulher moderna? Apaixonaram-se porque eram jovens, belos e saudáveis (qualidades que se tornaram preciosas na modernidade) mas, principalmente, porque juntos amavam a sabedoria e a buscavam acima de tudo, tanto que esse amor pelo saber prevaleceu sobre o profundo sentimento que os unia.

Abelardo é conhecido no mundo filosófico e dele existem muitas referências no pensamento do século XII. Já Heloísa passou para a história mais como mulher e amante que como intelectual, embora tenha sido excepcional nesse campo. Sua formação parece ter sido semelhante à de Clara (depois Santa), mas a sua origem social é misteriosa e torna difícil a compreensão do seu acesso à cultura.

Abelardo nasceu em 1079, na pequena cidade de Palais, perto de Nantes. Filho de um cavaleiro da pequena nobreza francesa, teve o privilégio de ser encaminhado pelo pai nos estudos do *trivium*, isto é, da gramática, da retórica e da dialética. Em 1100 Abelardo transferiu-se para Paris onde, em poucos anos, tornou-se mestre em lógica e abriu duas escolas, a primeira em Melun e a segunda, em Corbeil, sempre nas proximidades de Paris. Em 1108 abriu sua terceira escola, desta vez em Paris e, seis anos depois, obteve a cátedra de Teologia e Dialética em Notre-Dame.

A sua habilidade como lógico tornou-se conhecida entre os intelectuais das universidades e suas idéias filosóficas e teológicas geraram grandes polêmicas e o fizeram conhecido em toda a Europa. Suas soluções teóricas eram profundamente radicais a ponto de ser condenado por dois concílios por formular “heresias”. Sua profunda cultura e sua capacidade de exercitar a dialética atraíram, para Paris, jovens de todas as províncias. Foi no ápice da carreira que Abelardo encontrou Heloísa (1116), uma jovem de rara beleza e de grande inteligência. Abelardo passou a se dedicar à formação filosófica e literária da jovem e, da convivência, nasceu um forte amor.

De Heloísa não se têm muitas informações, ignora-se quem foram seus pais. Sua educação primorosa foi orientada pelo tio Fulberto, que desempenhava função canônica na paróquia da cidade. Da história de amor entre Abelardo e Heloísa nasceu

Astrolábio. Há informações de que Abelardo desejava casar, mas Heloísa recusou veementemente um matrimônio reparador. Preferiu que seu amado seguisse a sua brilhante carreira de professor, que lhe exigia o celibato. Outras fontes dizem que ambos se casaram em segredo. De qualquer modo, o desfecho trágico do romance ocorreu quando esbirros contratados pelo tio de Heloísa castraram Abelardo. A jovem mulher, depois de permanecer um tempo junto ao filho, ingressou no convento de Argenteuil e Abelardo se tornou abade de S. Denis, onde continuou a ensinar e a escrever. Em 1123, Abelardo fundou um pequeno oratório dedicado à Santíssima Trindade, o Paráclito que, mais tarde, transformou-se em monastério, do qual Heloísa tornou-se abadessa, em 1129. Ela não tinha ainda trinta anos. Ali permaneceu até a morte, ocorrida em 1164, vinte e dois anos após a morte de Abelardo.

Sobre a vida de Heloísa e a sua condição de estudiosa de letras e filosofia, algumas informações foram dadas por Pedro, o Venerável, abade do monastério de Cluny, onde Abelardo se refugiou antes de morrer. O abade assim escreveu:

Eu era adolescente ainda na flor da idade quando o teu nome já era famoso, não pela vida religiosa que em seguida escolheste, mas por teus admiráveis e profundos estudos. Vim a saber que uma mulher se dedicava com todas as forças ao estudo das letras e à busca da sabedoria, fato raríssimo, e não se deixava distrair pelos prazeres e alegrias do mundo... tu, com o teu amor pela ciência, superou não apenas todas as mulheres, mas também a maior parte dos homens (PIETRO, o Venerável, apud. ABELARDO, 1997, p. 18).

Se Abelardo, ao longo de suas cartas, sempre pressupôs a superioridade do homem, como pai ou senhor, Pedro, o Venerável, reconhecia a competência de Heloísa e a sua capacidade como mulher para dirigir tanto um convento quanto uma batalha. Para Pedro, Heloísa apresentava-se como exemplo de mulher que viveu com dignidade em um mundo que não era o seu, pois o saber era um privilégio dos homens. A carta do abade se apresenta não apenas como um testemunho da dedicação da jovem ao estudo das artes literárias, mas também como uma aprovação do seu papel como mulher que, tendo que deixar o homem amado, dedicou-se ao trabalho religioso e tornou-se abadessa guiando o monastério com coragem, sem se arrepender de nada do que viveu.

As cartas de Heloísa revelam uma mulher de personalidade forte que aceitou as determinações do amado por muito amor, mas não perdia oportunidade para confrontar-se com ele e debater sua situação. Abelardo, por sua vez, preocupava-se com a falta de arrependimento da amada e tentava convencê-la da necessidade de vencer a revolta e a resignar-se.

As cartas demonstram que ambos possuíam concepções diversas sobre a vida e o sentido do sentimento que os ligou. Abelardo parece não entender as atitudes de Heloísa, o seu posicionamento ante os fatos, a sua incapacidade de arrepender-se. Ela repete, sem se cansar, que as alegrias que viveu com ele permaneciam como doce recordação que a consolava. São personalidades diferentes que se confrontam para convencer-se mutuamente do que a cada um parece ser a verdade.

Em resumo, tem-se uma figura de mulher que não soube resignar-se à condição que a sociedade medieval concedia às mulheres e que tentou se libertar daquela situação por meio do saber e da pesquisa. Uma mulher determinada, de excepcionais qualidades intelectuais, que sabia argumentar para defender suas posições e que lutou com denodo por seu amor permanecendo enamorada ao longo de sua vida.

As cartas

As cartas de Abelardo são escritos autobiográficos. Abelardo apresenta-se como o personagem de uma grande aventura que é a sua própria vida espiritual e intelectual. Quanto a Heloísa, é interessante sublinhar a característica de suas cartas, que recordam, por meio dos próprios ensinamentos filosóficos do amado, a paixão amorosa que os uniu. É precisamente por não querer esquecer a paixão vivida que Abelardo a reprova e a convida a arrepender-se. Entre os pensamentos que os dois amantes trocaram, restaram algumas preciosidades da literatura medieval.

Em geral os fatos são mais eficazes que as palavras no exacerbar ou mitigar os sentimentos humanos. Por isso, depois de haver tentado consolar-te com os meus discursos quando podíamos nos encontrar, agora que estás distante decidi escrever-te uma carta, na qual contarei as aventuras que me aconteceram, para que tu possas considerar leves ou mesmo insignificantes as tuas dificuldades comparando-as às minhas e te seja mais fácil suportá-las (ABELARDO, 1997, p. 41).

Abelardo começa, então, a descrever sua vida desde o momento do seu nascimento até o seu encontro com Heloísa, em Paris. Antes de conhecê-la já tinha notícias de sua inteligência e conhecimento literário.

Ele (Fulberto) a amava profundamente e procurava fazê-la progredir em todos os campos das letras e da cultura. (...) Ela (Heloísa) gozava de grande prestígio porque é muito raro encontrar em uma mulher um conhecimento semelhante das disciplinas literárias. Por isso o seu nome era repetido em toda a França. Depois de ter avaliado todas essas coisas, que seduzem desde sempre os amantes, pensei no modo de ligá-la a mim com um amor que me proporcionasse também vantagens e me convenci que poderia fazê-lo sem dificuldade. (...) Embora distantes, poderíamos estar presentes um ao outro trocando cartas e comunicando-nos por escrito, pensamentos mais audazes que em nossos encontros. Desse modo, poderíamos ter conversações doces e ininterruptas. Inflammado de amor por esta menina, procurava uma ocasião de conhecê-la e de tornar-me, depois, seu amigo íntimo, de modo a induzi-la a ceder-me mais facilmente (ABELARDO, 1997, p. 65 e 67).

É impressionante o modo como Abelardo manifesta a sua intenção de conquistar Heloísa, descrevendo as estratégias para induzir Fulberto a confiar-lhe a sua sobrinha para um aprimoramento de sua educação. Abelardo convenceu Fulberto a acolhê-lo em sua casa e a confiar na sua tarefa de mestre e descreve como o tio da menina lhe deu todas as condições para concretizar seus desejos de conquista: “Fulberto favoreceu a minha paixão confiando-me completamente sua sobrinha, como aluna, pedindo-me para dar-lhe lições toda vez que, voltando da escola, estivesse livre, tanto de dia quanto à noite.” A ingenuidade de Fulberto é causa de admiração para Abelardo, que assim descrevia a situação: “era como confiar um cordeirinho a um lobo faminto” (ABELARDO, 1997, p. 67).

Fulberto confiava na autoridade do mestre, no seu nome e também na idade e, por isso, não se dava conta dos perigos de uma convivência permanente na mesma casa. Com o pretexto das aulas diárias, mestre e aluna acabaram abandonando-se completamente ao amor, descrito em detalhes por Abelardo: “Eram mais numerosos os beijos que as frases; a mão corria mais frequentemente ao seu seio que aos livros. E o que se refletia em nossos olhos era muito mais o amor que a página escrita” (ABELARDO, 1997, p. 69).

Tomado pela paixão, Abelardo encontrava cada vez menos tempo para a filosofia e as tarefas escolares. Ele próprio reconhecia que suas aulas eram pouco aprofundadas e frias e as coisas que dizia não eram mais fruto de sua reflexão, mas da longa prática pedagógica. “Não fazia outra coisa que repetir aquilo que havia pensado precedentemente e, se inventava qualquer coisa de novo, eram poesias de amor e não questões filosóficas” (ABELARDO, 1997, p. 69).

Todos sabiam o que acontecia, menos o tio de Heloísa, que não podia suspeitar (por causa de seu afeto ilimitado pela sobrinha e pelo dever de castidade de Abelardo, uma condição que a época impunha aos que se dedicavam à filosofia). Assim, ainda conforme a carta de Abelardo, cumpriu-se o dito de São Gerolamo, importante padre da Igreja, que dizia: “Em geral, somos os últimos a saber dos males que habitam as nossas casas e ignoramos, embora os vizinhos falem, os vícios de nossos filhos e de nossos esposos”. Porém, mesmo que seja por último, em algum momento se vem sempre a saber, isto é, “não é fácil esconder de um aquilo que todos vêem claramente” (ABELARDO, 1997, p. 71).

Quando Fulberto soube o que acontecia, sua dor foi tão grande que comoveu Abelardo. A tristeza e a vergonha também se abateram sobre os amantes que, por algum tempo, separaram-se, tempo em que Heloísa percebeu-se grávida e Abelardo providenciou a sua viagem para a casa de sua irmã, na Bretanha.

A este ponto, coloca-se a questão do matrimônio. Abelardo, que havia pedido desculpas a Fulberto e prometido um matrimônio reparador, assim descreve:

Encontrei-me com Fulberto, supliquei e lhe prometi qualquer preço que pedisse como reparação pelo mal cometido. Disse-lhe, porém, que aquilo que aconteceu

não pareceria estranho a alguém que tivesse experimentado a força do amor e a quem recordasse quantas desgraças as mulheres jogaram sobre os grandes homens desde o nascimento do gênero humano. Ofereci-lhe, para aplacá-lo, remediar a minha ofensa desposando Heloísa, que seduzi, mas que o matrimônio permanecesse secreto para não danificar minha fama (ABELARDO, 1997, p. 75).

Este trecho se pode entender de duas maneiras: Abelardo estava convencido tanto de seu papel de intelectual quanto de Don Juan, o que se pode deduzir de sua expressão arrogante e prepotente. Alguns estudiosos levantaram a hipótese que Heloísa poderia ser filha ilegítima (de Fulberto ou de um seu irmão) e que sua família materna pertencesse a um nível social mais baixo que o da família de Abelardo. Outra argumentação salienta que o matrimônio teria impedido Abelardo de continuar a exercer o magistério e o cargo que ocupava no ponto mais alto da carreira. Essa prática da época em relação à filosofia se fundava tanto na ação dos Padres da Igreja quanto na atitude de grandes filósofos como Sêneca, por exemplo, que ensinavam a abandonar os problemas materiais (o que requer um matrimônio) para dedicar-se ao estudo da filosofia.

Diante de uma proposta feita nesses termos, entende-se a recusa de Heloísa, embora não se possa explicar claramente sua atitude:

Heloísa não se mostrou de acordo, ao contrário, se opôs com força à minha decisão e por dois motivos: pelo perigo e pela vergonha aos quais eu estaria exposto. Jurava que, como mais tarde se viu, nenhuma reparação poderia compensar Fulberto da traição sofrida. Perguntava-me como poderia orgulhar-se de mim uma vez que ela própria seria a causa da minha perda de prestígio e, por sua culpa, seríamos ambos humilhados. (...) Heloísa detestava com todas as suas forças este matrimônio e sustentava que seria infamante e oneroso para mim sob todos os aspectos” (ABELARDO, 1997, p. 77).

Ao dizer-se a causa da perda de prestígio de Abelardo, Heloísa parece ratificar o argumento da diferença social entre ambos, principalmente se considerarmos o que ela acrescenta, nas palavras de Abelardo: “Seria perigoso para mim esposá-la e seria mais doce para ela e menos infamante para mim que fosse chamada minha amante, em vez de minha mulher, porque então o meu amor por ela seria espontâneo e não forçado pelos laços do vínculo matrimonial” (ABELARDO, 1997, p. 85). Heloísa se refere à forma de amar, já que a separação alimentaria a chama da paixão e seus encontros se tornariam mais felizes, porque mais raros. Mas por que, na opinião dela, seria para ele menos infamante a situação de amante que a de esposo? O argumento da diferença social entre as famílias parece esclarecer, mas só em parte, porque dificulta o entendimento do lugar inusitado que ela ocupava, como mulher, na sociedade medieval: o desenvolvimento das capacidades intelectuais era privilégio dos homens e de difícil acesso mesmo para uma mulher de classe nobre.

As cartas de Heloísa têm uma outra característica que é a amarga nostalgia da vida compartilhada com Abelardo e o descontentamento com a vida monástica que se torna, para ela, um tormento, porque a obriga a renunciar ao amor. Parece alimentar-se das cartas que ele escreve e as solicita como uma ajuda para manter-se firme na missão monástica. Recorda Sêneca para dizer que as cartas unem os amigos distantes e reavivam na memória os tempos felizes.

As tuas palavras renovaram os meus sofrimentos e com tanto maior intensidade quanto maior foi o teu cuidado em descrever cada particular; a minha dor cresceu ainda mais porque escrevestes que ainda hoje os perigos aumentam ao teu redor. É por isso que nós todos não podemos fazer outra coisa que preocupar-nos com a tua vida (...) terás em nós companheiras na dor e na alegria, o sol que te restou” (ABELARDO, Segunda Carta, 1997, p. 171).

Percebe-se o quanto a vida de Heloísa girava em torno da vida de Abelardo. Ela se tornou monja porque ele ordenou e não por vontade de estar mais próxima a Deus. Seduzida, tornou-se incapaz de contrariá-lo: “por tua ordem não exitei em perder-me.” “És o único a entristecer-me, a alegrar-me ou a consolar-me e o único que está obrigado a fazê-lo por mim” (ABELARDO, 1997, p. 181).

Suas palavras servem para esclarecer um pouco a sua condição social e parecem confirmar o argumento de que ela pertencia a uma classe inferior: “Nunca procurei, Deus o sabe, nada em ti ... desejava-te apenas e nada de teu” (ABELARDO, 1997, p. 181). E, ao explicar que não queria o vínculo matrimonial, acentua a diferença entre as mulheres que casam por dinheiro e aquelas que se unem por amor. “Eu preferi a liberdade do amor ao vínculo matrimonial. (...) Se o nome de esposa parece mais santo e mais importante, para mim sempre foi mais doce aquele de amiga ou, se não te escandaliza, concubina ou mesmo prostituta” (ABELARDO, 1997, p. 181). Para justificar sua opinião, afirma que assim “poderia conquistar um valor maior aos teus olhos e, ao mesmo tempo, não teria danificado a tua fama e a tua grandeza” (ABELARDO, 1997, p. 181).

Essas afirmações contrariam a visão de mundo medieval e cristã, que entendia o amor como um sentimento que cumpria a função de aproximar o homem a Deus. O amor denominado “carnal” tinha uma função apenas de preservação da espécie, na estrutura familiar. Há que lembrar que este amor foi a causa do pecado original e sempre pode degenerar em concupiscência (GILSON, 1950). Preferir ser concubina a ser esposa é a grande provocação de Heloísa à visão de mundo de sua época.

Heloísa recorre ao discurso filosófico para esclarecer sua posição: “Nem sempre é melhor quem é rico e potente, porque esses são donos da fortuna; ser melhor, ao contrário, é fruto só da virtú”. (ABELARDO, 1997, p. 183). O que a atraiu nele não foi o dinheiro, mas a sabedoria. “Dois dotes te permitiam seduzir qualquer mulher: a doçura de teus versos e a harmonia de tuas canções” (ABELARDO, 1997, p. 185). Ao discorrer sobre o amor e a amizade, Heloísa demonstra um conhecimento profundo dos pensamentos de Sêneca, Cícero e Ovídio, o que era incomum entre as mulheres da época, principalmente

as de classe inferior. “Assim, o meu amor por ti é tanto mais verdadeiro quanto está mais distante da ilusão” (ABELARDO, 1997, p. 185).

Por outro lado, Heloísa acentua que todos suspeitavam que, da parte dele, o vínculo inicial “foi a concupiscência e não a amizade, o desejo sensual e não o amor” (ABELARDO, 1997, p. 187). “Quem dera fosse ela a única a pensar assim, mas essa suposição já havia se tornado pública. E esse fato aumentava a sua dor e a sua humilhação” (ABELARDO, 1997, p. 187).

O final dessa carta ressoa como um lamento: “Oh meu dileto, se tu fosses menos seguro do meu amor! Então serias mais solícito, mas porque eu o tornei muito seguro dos meus sentimentos, agora devo suportar que me descuides” (ABELARDO, 1997, p. 189).

Em resposta, Abelardo, contrariando as normas epistolares, abre a missiva antepondo o nome de Heloísa ao dele. Heloísa faz questão de lembrar a ordem protocolar e acentua que a mulher deve ser citada em segundo lugar, como inferior ao homem, a esposa ao marido e a religiosa ao religioso (ABELARDO, Quarta Carta, 1997, p. 215). Abelardo relembra escritos filosóficos e salmos bíblicos para mostrar o lugar da mulher na tradição medieval: aquela que acompanha, que está ao lado do esposo, a celebrar a vida, mas também a guardar o luto, a rezar e pedir a Deus, que não deseja a admiração pública, mas o afeto de seu senhor na privacidade de sua casa, no interior do quarto, que é também lugar de oração.

Neste sentido, Abelardo acentua que não havia invertido a ordem dos nomes: “te tornaste superior a mim no momento em que esposaste o meu Senhor e, por isso, te tornaste a minha senhora” (ABELARDO, Quinta Carta 1997, p. 241). Ao fazer prevalecer o amor a Deus sobre o sentimento que os unia e ao tentar convencer Heloísa a aceitar esta situação, Abelardo a circunscreve no âmbito da visão medieval do amor, limite que a jovem não podia aceitar, porque havia conhecido outras formas de amar, vale dizer, o amor do sentimento, mas também o da sabedoria, que a colocava em situação de igualdade com os homens de sua época.

Conclusão

Heloísa não tinha medo de mostrar-se plena de doçura ou de amargura, como uma mulher que não se resignava à sua situação. Suas cartas tornam claro que só ingressou no monastério por exigência de Abelardo e que era ainda o amor por ele que a mantinha viva. Sua alegria e sua tristeza dependiam da vida dele, para desespero de Abelardo, que a recriminava constantemente. Quando ela dizia que “a alma enfraquecida pela tristeza não está tranqüila e a mente invadida por emoções muito fortes não pode dedicar-se a Deus com sinceridade” (ABELARDO, Quarta Carta 1997, p. 219) e que, sem notícias, sem palavras reconfortantes, “se torna impossível desenvolver nossos ofícios divinos”, (ABELARDO, 1997, p. 219) ele pedia que ela moderasse suas palavras e freasse seus lamentos para habituar-se à solidão exigida pelo monastério.

A opinião de Abelardo sobre Heloísa é, no fundo, a expressão do pensamento da época sobre a figura da mulher: além do seu lugar como mãe de família, havia a vida monacal, com princípios de conduta próprios a uma mulher que se dedique a Deus. Quase na mesma época também Francisco dedicou um tempo à orientação de Clara e à indicação de regras para a vida do monastério. O pensamento cristão muito contribuiu para a opressão das mulheres, que sempre ocuparam um lugar secundário nas práticas cristãs.

Abelardo acreditava existir uma diferença de natureza que tornava as mulheres hábeis a agirem sobre as coisas, enquanto os homens atuam com as palavras e símbolos, podendo dispor sobre as coisas (comandam, controlam). O silêncio, a oração, a solidão, o distanciamento do mundo no cotidiano do monastério eram possíveis a partir de uma organização interna semelhante a um exército, que Abelardo descrevia em detalhes. As monjas, que receberam a graça celeste da inteligência e a graça terrena da instrução, na função de abadessas, deviam primeiro agir e, depois, ensinar. Um ensino indireto, com as obras e não com o discurso, próprio dos homens. Assim, Abelardo reconhecia implicitamente a capacidade de Heloísa, mas não lhe dava o direito de ser professora. A prática cristã através dos tempos parece corroborar esse pensamento: os homens decidem e transmitem a palavra, enquanto as mulheres, em geral, cuidam dos doentes, socorrem os indigentes, exercitam a caridade.

A imagem de mulher construída por Abelardo era a de alguém que, por natureza, é frágil e deve dedicar-se muito para vencer a debilidade espiritual, cujas raízes estão na sua sensibilidade. Para as monjas, era a virgindade que as tornava fortes e resistentes. Heloísa se apresenta como uma mulher diferente, que criou uma imagem própria, de força, de coragem e resistência, justamente pela exaltação dos sentimentos. E conseguiu muito mais: com sua capacidade intelectual se elevou a uma situação que era destinada especificamente aos homens. Heloísa vinculou a sua fragilidade feminina à sua determinação racional, conseguindo transformar sensibilidade em tenacidade, sem deixar de ser feminina. Por isso, nunca se arrependeu de nada que havia feito na vida e isto a tornou uma mulher admirável, também aos olhos de Abelardo.

Referências bibliográficas

ABELARDO, P. **Lettere di Abelardo e Eloisa**. Milano: B.U. Rizzoli, 1997.

_____. **Storia delle mie disgrazie**. Lettere d'amore di Abelardo e Eloisa. Milano: Garzanti, 2003.

BEAUVOIR, S. **Il secondo sesso**. Il Saggiatore, 2002.

BERTINI, F. (et. al.) **Medioevo al femminile**. Roma-Bari: Laterza, 1989.

DE CRESCENZO, L. **Storia della filosofia medioevale**. Milano: Mondadori, 2002.